



O CORPO E O BARRO COMO LINGUAGENS RELACIONAIS: PROCESSOS ARTÍSTICOS E PEDAGÓGICOS PARA CRIAÇÃO DE COMUNIDADE

THE BODY AND CLAY AS RELATIONAL LANGUAGES: ARTISTIC AND PEDAGOGICAL PROCESSES FOR BUILDING COMMUNITY

Sofia Gontijo Pfeffer¹

UFMG

Resumo: Este artigo traz questões levantadas a partir da pesquisa em cerâmica como expressão artística, explorando as relações entre corpo, natureza e coletividade. A partir de referências pré-colombianas, observa-se o corpo como centro das relações humanas e síntese do universo, perspectiva que se projeta também na arte contemporânea. A investigação se concentra em como os processos artísticos, e não apenas seus resultados, têm a potência de criar e fortalecer vínculos entre indivíduos, comunidades e o mundo. Nesse contexto, a artista Celeida Tostes ocupa papel fundamental, pois sua prática une criação, gesto e pedagogia em uma proposta indissociavelmente relacional e coletiva. A questão que orienta a pesquisa é: como o processo artístico pode servir como forma ativa de construir comunidade e, em consequência, ampliar as possibilidades do que criamos como artistas e como seres humanos?

Palavras-chave: corpo; cerâmica; coletividade; ensino/aprendizagem de arte; arte contemporânea brasileira;

Abstract: This article raises questions emerging from research in ceramics as an artistic expression, exploring the relationships between body, nature, and collectivity. Drawing on pre-Columbian references, the body is understood as the center of human relations and a synthesis of the universe, a perspective that also resonates in contemporary art. The investigation focuses on how artistic processes, rather than their outcomes alone, have the power to create and strengthen bonds between individuals, communities, and the world. In this context, the artist Celeida Tostes plays a fundamental role, as her practice unites creation, gesture, and pedagogy in an inseparably relational and collective proposal. The guiding question of the research is: how can the artistic process serve as an active way of building community and, consequently, expand the possibilities of what we create as artists and as human beings?

Keywords: body; ceramics; collectivity; teaching/learning of art; contemporary brazilian art.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz questões levantadas a partir da pesquisa em cerâmica como expressão artística, explorando as relações entre o corpo, a natureza e a coletividade.

¹ Artista e estudante de Artes Visuais na UFMG, pesquisa arte como processo e arte na educação, com foco na cerâmica. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5826896310220734>.



O ponto de partida é o catálogo “México del cuerpo al cosmos”, que apresenta esculturas pré-colombianas em pedra e cerâmica centradas na representação do corpo humano. Os temas desenvolvidos se centram na sexualidade e usam da figura humana para elaborar expressões emotivas, costumes e dinâmicas sociais, incluindo as relações sexuais em si, a gestação, e outros fatores comportamentais ou indicativos de status, como as vestimentas utilizadas e pinturas corporais feitas. Considerando os temas e somando a materialidade das peças – a pedra e o barro usadas para constituir a figura humana – é revelado o ser humano como ser coletivo que se define nas relações com o outro e inseparável da natureza, tendo o corpo como centro dessas relações e resumo do universo.

A arte e o corpo, então, servem como linguagens expressivas e relacionais capazes de nos definir e nos situar no mundo como seres humanos, como indivíduos tanto quanto comunidades, povos e sociedades. Essas relações se manifestam em peças escultóricas antigas assim como na arte da cerâmica contemporânea. No entanto, nossas produções não apenas revelam nossas formas de nos relacionarmos como seres humanos. Os processos artísticos são, em si mesmos, meios de criar e fortalecer essas relações entre o indivíduo, o outro e o mundo. Nessa perspectiva, o estudo busca compreender como o processo artístico potencializa a coletividade e, em contrapartida, como a busca pela coletividade amplia a potência da arte.

Com fim de refletir nessas questões na atualidade, milênios após certos povos pré-colombianos, seguiu-se o estudo de diversas ceramistas contemporâneas. Um fator essencial para o desenvolvimento consciente dessa coletividade para fins artísticos humanos e sociais ficou evidente na proposta pedagógica da artista Celeida Tostes. Ela propõe a própria arte como processo, uma prática relacional que envolve gesto, presença e coletividade, indissociável da didática — a educação é parte constitutiva do processo artístico.

A metodologia combina pesquisa teórica e prática: análise de imagens e materiais de obras pré-colombianas (principalmente do catálogo México: del cuerpo al cosmos), estudo de ceramistas contemporâneas, leitura de textos críticos e pedagógicos, e produção artística em cerâmica no ateliê coletivo da universidade, articulada à escrita e desenvolvimento de uma instalação. Os objetivos do trabalho se



constituíram em (a) analisar esculturas pré-colombianas para compreender como representavam as relações entre corpo, natureza e sociedade; (b) investigar produções de ceramistas contemporâneas, especialmente latinas, em sua abordagem do corpo e das relações humanas atuais; (c) aprofundar o estudo da pedagogia de Celeida Tostes, dada a determinação de sua relevância para a pesquisa e articulando-a com autores como Paulo Freire; (d) refletir sobre a cerâmica e o corpo como meios de relação e transformação social.

O que começou como uma percepção, através da arte, da indissociação e importância contínua da expressão visual e senso coletivo para a humanidade, desenvolveu-se, a partir de Celeida, em uma exploração da arte associada à educação, mesmo quando informal, e nossa questão principal: como o processo artístico pode servir como forma ativa de construir comunidade e assim ampliar as possibilidades do que criamos como artistas e humanos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 DO CORPO AO COSMOS

O catálogo "México del cuerpo al cosmos: Diversidad cultural de Mesoamérica" traz imagens de uma exposição de mesmo título que aconteceu no Chile em 2006 em que foram exibidas peças de pedra e cerâmica produzidas na Mesoamérica por diferentes povos que viveram naquela região, atravessando mais de dois mil anos de produções escultóricas em torno do corpo humano, do período pré-clássico ao pós-clássico. Através da escultura, manifesta-se o corpo como linguagem expressiva e relacional e as peças, na soma de imagem e materialidade, revelam visualmente a interconexão do indivíduo, comunidade e cosmos.

As peças vêm de culturas e tempos históricos distintos, cada uma com sua própria forma de construir/representar o corpo — diferenças notáveis no destaque ou completa ausência de, por exemplo, genitálias, curvas, ângulos, pinturas e cores, expressões corporais e faciais, vestimentas, acessórios ou figuras acompanhantes. Apesar dessa diversidade, nota-se uma aproximação no tratamento do corpo



enquanto espaço de relações, sobretudo por meio da sexualidade. Soma-se a isso a materialidade dessas peças, feitas da terra e da pedra em si, e se restabelecem outros tipos de relações do corpo com o mundo, uma integração do ser humano com o ciclo da natureza.

Figura 1 – Figura feminina maya



Fonte: Centro Cultural Palácio da Moeda, Chile. Foto: El Mercurio. Publicado em 11/05/2006

Dentro desse conjunto de objetos, destaca-se a figura feminina maya (figura 1), cuja postura singular sugere que ela esteja consumindo o próprio braço, evidenciando processos simbólicos de consumo, transformação e renovação, colocando o corpo como resumo do universo, principalmente quando considerada a naturalidade da pedra que compõe a peça. O corpo não é simplesmente representado, mas empregado como linguagem capaz de atravessar o tempo e a cultura. Através da imagem do corpo e através da impressão do corpo sobre a matéria, é possível pensar, perceber e comunicar de formas poéticas, que não podem ser traduzidas de maneira literal.

No contexto das produções pré-colombianas, encontra-se a ausência de qualquer autoria individual. Para nós, essas produções escultóricas foram produzidas por uma sociedade, por um povo. Os corpos esculpidos não indicam identidades específicas e, independentemente de diferenças estéticas que possam surgir entre peças, conhecer o indivíduo por trás da produção não é necessário para que



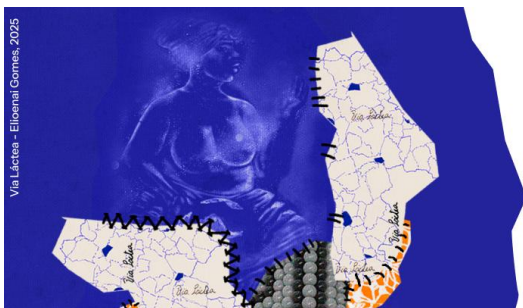
observador contemporâneo sinta aproximação com aquele povo ou atribua valor à peça.

Essa característica contrasta com as produções escultóricas contemporâneas, nas quais a individualidade e identidade do artista são centrais para a valorização da peça e sua categorização como obra de arte, em um contexto que frequentemente separa e hierarquiza arte e artesanato. Mesmo quando esteticamente similares, a percepção de muito uma escultura contemporânea se difere significativamente da experiência de observar uma produção pré-colombiana que se permite, e é permitida de ser, coletiva e genérica, sem comparativos. Tais juízos de valor são estabelecidos a partir da capitalização da arte, e considera esta como obra em um mercado. No entanto, se distanciando do foco no resultado final e na recepção pública, a arte pode não só revelar coletividade, mas ser agente de criação de comunidade, e é respeitada dessa maneira por diversos artistas contemporâneos.

2.2 CELEIDA TOSTES

Ao longo deste trabalho, essa reflexão sobre corporeidade, materialidade e ausência de autoria individual encontrou eco na prática de Celeida Tostes. A obra em cerâmica de Celeida explora o corpo e a experiência coletiva como eixos centrais, enfatizando o processo. Outra semelhança se encontra na vitalidade da materialidade das peças também para constituir sentido na obra: argila não é apenas suporte, mas agente de transformação simbólica pessoal e relacional. A artista mantinha um propósito de ter a arte como potencializador de relações com o outro (indivíduo, comunidade, sociedade) e com a própria natureza e para tal tem a prática educacional como indissociável da prática artística — prática educacional que se constitui na auto exploração, ajuda mútua, experimentação e criação. Em suas palavras, “Minha tarefa como artista plástica não se atém somente à consciência da questão estética, mas procura dirigir-se ao elemento questionador do cotidiano, ao essencial na relação com o mundo” (TOSTES, 2014, p. 101).

A obra de Celeida traz pistas de algo de fundamentalmente humano que se revela esteticamente, de maneira similar às peças pré-colombianas, mas que no



contexto contemporâneo se revela principalmente no processo, enquanto nas esculturas pré-colombianas restam apenas vestígios. Esse “fundamentalmente humano” é o permanente movimento de busca que guia o ser humano pelo mundo e se revela na nossa história da arte e da filosofia: a presença consciente, os incessantes porquês e comos. Por isso seu papel de artista era tão inseparável de seu papel de professora – seu processo de fazer arte é, assim como ensinar e aprender, um processo de perturbação, questionamento, investigação e exploração. Através dessas ações, Celeida toma consciência de seu movimento de busca, no mundo, entre os outros e com os outros.

O caminho traçado aqui é o de que a coletividade tem potência e importância para a arte tão grande agora quanto há milhares de anos, mas também tem seu significado transformado pelo espaço, tempo e contexto. No caso da América pré-colombiana, observa-se a coletividade a partir de registros e pistas esporádicas, levando a uma generalização dos indivíduos e das dinâmicas sociais. Ainda assim, essas produções revelam valores humanos e sociais que atravessam o tempo: o coletivo constrói identidade e possibilita que o indivíduo perceba ser parte de algo maior.

De forma intencional, Celeida valoriza a criação coletiva, enfatizando o que há em comum e tratando de temas como o corpo e a natureza e a união de ambos, materializada na cerâmica. No entanto, não ignora o “eu” e a potência da individualidade: comunidade não se constrói sem indivíduos e ao mesmo tempo nos tornamos mais nós mesmos quando nos relacionamos e compreendemos o outro. Paulo Freire ilustra bem isso quando diz “É a ‘outredade’ do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.” (FREIRE, 2015, p. 42) Celeida traz isso à prática no “criar junto”, forma de entender o outro e, simultaneamente, a si mesmo, criando empatia ativamente no presente. Por isso, a arte tem tanta potência na educação, assim como a educação tem potência na arte, construindo conhecimento através do criar e estar junto.

Em sua perspectiva como artista-professora, Celeida destaca o fazer, o ensinar e o aprender como ações que só acontecem quando em conjunto e que se potencializam quando realizadas na relação com o outro. Essa potência vem da



aproximação de pessoas de diferentes contextos na experimentação conjunta, ampliando possibilidades individuais através do coletivo. Mesmo na ausência de obra final, realiza-se arte, ensina-se e aprende-se. A arte, tanto quanto a própria educação, não se constitui no resultado, e sim no próprio processo, processo que é mais completo e mais humano porque foi constituído com o outro, o que nos permite ampliar nosso entendimento do mundo e, conseqüentemente, de nós mesmos e da nossa arte.

Importa aqui não apenas a autoexploração, mas também a exploração do outro, do mundo e do corpo em relação ao mundo para, ampliando os modos de viver e criar dos alunos. Uma explicação disso fica clara em “A pedagogia radical de Celeida Tostes”, onde Cristiana Tejo observa que “Celeida notou a falta de familiaridade das pessoas com o uso dos sentidos na observação do seu cotidiano. Essa experiência foi seminal para a construção de sua pedagogia, que teve início com ‘a recuperação da importância do exercício tátil, da consciência do próprio corpo, como forma, por dentro e por fora, do contato da pele, ou do tato, da relação do interior do corpo com o mundo exterior, através da pele.’” (TEJO, 2023)

O modo de ensinar de Celeida se baseava não em transmitir conhecimento, mas em ensinar a aprender, a experimentar, a refletir, a encontrar a própria expressividade e criatividade por meio da experimentação e troca com a natureza e com outros artistas. Assim, arte, ensino, aprendizagem e vida se tornam inseparáveis e dispositivos de mudança social. Ao longo de sua trajetória, trabalhou em presídios, comunidades e escolas, criando projetos coletivos que fortaleceram a constituição de obras, mas também a coesão comunitária e a exploração das individualidades e dos corpos em relação aos outros. A arte, para Celeida, se realiza no processo e não na obra, da mesma forma que a vida não se define apenas por seu início e fim, trazendo de volta algo do mesmo que as esculturas pré colombianas provocam: a humanidade e a vida como contínua e maior do que o eu individual, de forma intencional. Cristina Tejo aborda essa ideia também: “A arte é um dispositivo para mudança social e a produção de obras de arte não era o foco principal, porque para Celeida Tostes fazer arte estava além da performance individual e da criação de objetos. Seu legado aponta para formas híbridas, orgânicas, transformadoras e emancipatórias de inter-relacionar



arte, educação e vida. Sua prática dissecar conceitos, desafia a dinâmica do mundo da arte e desloca o pensamento dos educadores do século XX que adotaram fundamentalmente a educação artística.” (TEJO, 2023)

A reflexão sobre as esculturas pré-colombianas evidencia como o corpo pode funcionar como linguagem relacional e simbólica, atravessando tempo e cultura, e como a materialidade participa da constituição de sentido. Essa compreensão inspira a leitura da obra de Celeida Tostes, cuja cerâmica também coloca o corpo e a experiência coletiva como eixos centrais. Tal como a escultura pré-colombiana, nas peças de Tostes o gesto e o contato com a matéria não se restringem à representação estética: o corpo atua como meio de expressão e mediação, e a argila transforma-se em instrumento de interação, aprendizagem e criação coletiva.

Ao articular corporeidade, materialidade e coletividade, a obra de Celeida retoma dimensões presentes nas produções mesoamericanas — a integração entre indivíduo e comunidade, o fluxo entre o eu e o outro —, reinterpretando-as em um contexto contemporâneo. A diferença está na visibilidade do processo: enquanto nas esculturas pré-colombianas restam vestígios que sugerem práticas coletivas e simbólicas, na prática de Celeida esse processo é intencionalmente experienciado e compartilhado, envolvendo indivíduos em ações colaborativas, pedagógicas e artísticas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo artístico é, em si, um movimento de relação entre corpo e matéria, indivíduo e comunidade, natureza e cultura. Longe de ser apenas um meio para a criação de objetos, ele constitui uma forma ativa de construir comunidade e, por isso, amplia radicalmente as possibilidades do que criamos como artistas e como seres humanos. Ao observar as esculturas pré-colombianas, torna-se evidente que o corpo, a matéria e a coletividade já estavam no centro da produção artística. Essas peças, ainda que anônimas, condensam gestos e sentidos coletivos, nos quais o indivíduo não se separa de sua comunidade, e a criação não é propriedade de um autor, mas parte de um ciclo de relações. A ausência de autoria individual não fragiliza essas



obras; pelo contrário, torna mais visível como a produção artística pode ser a expressão de um nós, e não apenas de um “eu”.

No contexto contemporâneo, a prática de Celeida Tostes retoma alguns desses princípios, mas os inscreve em uma pedagogia da experiência coletiva. Apesar de, ao inserir uma obra no circuito de arte contemporânea, ela carregar o nome de Celeida, são sempre muitas outras pessoas envolvidas e essenciais para o desenvolvimento de cada trabalho. Sua obra em cerâmica não se restringe a objetos acabados: ela se expande como processo de criação conjunta, encontro de corpos, exercício de sensorialidade e descoberta mútua. Celeida compreendia a arte como possibilidade de transformação simbólica e relacional, e por isso sua prática artística e sua prática educativa eram indissociáveis. Criar, ensinar e aprender eram ações que só faziam sentido em conjunto, sempre mediadas pela relação com o outro.

Na pedagogia de Celeida, tocar a argila, perceber o próprio corpo, observar a natureza e interagir coletivamente eram formas de ampliar não só a capacidade criativa, mas também os modos de existir no mundo. Trata-se de uma pedagogia que parte do corpo para provocar consciência, reflexão e transformação.

Essa aproximação entre a dimensão estética e a dimensão educativa revela como o processo artístico pode ser motor de mudança social. Celeida atuou em escolas e faculdades, mas também em presídios e comunidades, criando contextos em que a arte não era fim em si mesma, mas oportunidade de encontro, fortalecimento coletivo e emancipação. Assim, sua prática desloca o foco da obra como resultado final para o processo como espaço de formação, diálogo e criação de comunidade.

Ao colocar em perspectiva as esculturas pré-colombianas e a prática de Celeida Tostes, observa-se um fio condutor: a arte como experiência que ultrapassa o indivíduo e cria laços entre pessoas, tempos e mundos distintos. No primeiro caso, o coletivo se manifesta na ausência de autoria e na força simbólica de peças que condensam a experiência de um povo; no segundo, o coletivo se realiza intencionalmente como método pedagógico e prática artística de transformação social. Em ambos, a criação revela que a arte não é apenas produto, mas sobretudo processo e relação. Portanto, a arte, quando pensada como processo, mostra sua potência de ampliar os modos de ser, conhecer e criar. O fazer artístico, ao integrar corpo,



materialidade e coletividade, permite que indivíduos se reconheçam como parte de algo maior e, ao mesmo tempo, fortaleçam sua singularidade. As possibilidades de uma pedagogia constituída ao redor do fazer artístico propõe não apenas uma produção de objetos, mas a construção de sentido e pertencimento.

Assim, tanto as esculturas pré-colombianas quanto a obra e a pedagogia de Celeida Tostes reafirmam que o processo artístico é uma forma de conhecimento coletivo, capaz de atravessar tempos históricos e contextos sociais distintos. Ele cria comunidade, gera empatia, transforma realidades e amplia a própria compreensão do que significa ser humano. Criar, ensinar e aprender se fundem em um movimento contínuo de busca e transformação, em que a arte se torna não apenas linguagem estética, mas prática de vida, relação e emancipação.

REFERÊNCIAS

Livro

FUENTE, Beatriz; SERRANO CANETO, Elena; SOLÍS OLGUÍN, Felipe (orgs.). México: del cuerpo al cosmos. Diversidad cultural en Mesoamérica [catálogo de exposição]. Santiago (Chile): Fundación Centro Cultural Palacio de La Moneda; Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2006.

LONTRA COSTA, Marcus de; SILVA, Raquel (orgs.). Celeida Tostes. Rio de Janeiro (RJ): Aeroplano, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023

Trabalhos publicados online

TEJO, C. A pedagogia radical de Celeida Tostes. La Escuela, 2023. Disponível em: <https://laescuela.art/es/campus/library/essays/a-pedagogia-radical-de-celeida-tostes-cristiana-tejo-pt>. Acesso em: 4 jun. 2025.